

Violência entre jovens dentro da escola: impactos e relação com a resiliência

Youth violence in schools: impacts and its relationship to resilience

Violencia entre jóvenes en la escuela: impacto y relación con la resiliencia

Recebido: 02/06/2025 | Revisado: 10/06/2025 | Aceitado: 10/06/2025 | Publicado: 14/06/2025

Agne da Silva Tavares

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3480-4086>

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

E-mail: agnetavares@hotmail.com

Fernanda Priscila Alves da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3795-3916>

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

E-mail: fernandasilva@ufam.edu.br

Jadson Justi

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4280-8502>

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

E-mail: jadsonjusti@hotmail.com

Corina Fátima Costa Vasconcelos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9926-1048>

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

E-mail: corina@ufam.edu.br

Samuel Almeida Costa

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-7008-3046>

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

E-mail: samcalmeida2@gmail.com

Resumo

A violência no âmbito escolar ganhou proporções alarmantes nos últimos anos no Brasil, suscitando preocupação acerca da saúde mental dos jovens envolvidos. Objetiva-se com este estudo investigar os impactos causados pela violência escolar entre os jovens. Leva-se também em consideração possibilidades de elucidação da violência no fortalecimento do potencial de resiliência. Metodologicamente, enquadra-se como um estudo de caso com enfoque qualitativo. Os dados foram produzidos por meio de análise documental e entrevista narrativa com professores e uma pedagoga vinculados a uma instituição escolar de tempo integral do município de Parintins, Amazonas, Brasil. Os resultados salientam a relevância da abordagem da violência no âmbito escolar, dando destaque à proteção proporcionada dentro de casa e aos mecanismos de proteção oferecidos pela escola para lidar com as falhas encontradas cotidianamente, e auxiliar o desenvolvimento da resiliência nos alunos. Conclui-se que o caminho para a promoção da saúde mental e resiliência perpassa por uma escola que desenvolva uma educação integral, dialógica, humanizada e libertadora, com vista a auxiliar o desenvolvimento do potencial de resiliência.

Palavras-chave: Violência escolar; Resiliência; Estudantes.

Abstract

School violence has reached alarming levels in Brazil in recent years, raising serious concerns about youth mental health. This study aims to investigate the impacts of school violence among adolescents and to explore the potential role of resilience in mitigating its effects. It also considers how strengthening resilience might help shed light on the phenomenon of violence itself. In this qualitative case study, data were collected through document analysis and narrative interviews conducted with teachers and a school counselor at a full-time public school in the municipality of Parintins, Amazonas, Brazil. The findings underscore the need to actively address violence in the school setting, while also pointing to the importance of protective factors at home and the support systems provided by the school itself, which play a key role in helping students navigate everyday challenges and in building their capacity for resilience. The study concludes that promoting mental health and resilience requires an educational approach that is holistic, dialogical, human-centered, and emancipatory, one that actively supports the development of each student's resilience potential.

Keywords: School violence; Resilience; Students.

Resumen

La violencia en el entorno escolar llegó a proporciones alarmantes los últimos años en Brasil, causando preocupación con respecto a la salud mental de los jóvenes implicados. El presente estudio busca investigar el impacto causado por la violencia escolar entre los jóvenes. También son consideradas posibilidades de elucidar la violencia para fortalecer el potencial de resiliencia. Metodológicamente, esto se encuadra como un estudio de caso con enfoque cualitativo. Los datos se elaboraron utilizando análisis documentales y entrevistas narrativas con profesores y una pedagoga

vinculados a una institución escolar con período completo en el municipio de Parintins, Amazonas, en Brasil. Los resultados enfatizan la relevancia del tratamiento de la violencia en el entorno escolar, destacando la protección proporcionada dentro de casa y los mecanismos de protección ofrecidos por la escuela para lidiar con las fallas encontradas en el cotidiano, y ayudar en el desarrollo de la resiliencia de los alumnos. El estudio concluye que el camino a la promoción de la salud mental y de la resiliencia pasa por una escuela que desarrolle una educación integral, con diálogo, humanizada y libertadora, buscando ayudar a desarrollar el potencial de resiliencia.

Palabras clave: Violencia escolar; Resiliencia; Estudiantes.

1. Introdução

A violência é um assunto recorrente nos meios de comunicação contemporâneos e esse fenômeno tem mostrado preocupantes avanços no âmbito escolar nas últimas décadas. Enfatiza-se que a violência – em uma perspectiva generalista – é definida por atos que ferem a integridade física, mental e/ou moral de outrem, praticados por uma pessoa ou por um grupo (Brasil, 2001; Krug et al., 2002).

Ao passar dos anos, houve avanços na tipificação da violência na sociedade, contemplando do nível individual ao coletivo, como a violência física (relacionada à integridade corporal); a violência econômica (relacionada ao desrespeito e apropriação dos bens de outrem); e a violência moral e simbólica (relacionada à dominação cultural de forma a ofender a dignidade do outro) (Chesnais, 1981).

Levando em consideração os tipos de violência dentro do ambiente escolar, a violência física é a mais comum, porém revelam-se também a violência simbólica, a incivilidade, a violência sexual, o *bullying* e o *cyberbullying* (Charlot & Émin, 1997; Dupâquier, 1999; Fante, 2005; Guimarães, 2009).

O aumento alarmante da violência dentro das escolas requer uma profunda reflexão por parte da sociedade e de todos os envolvidos com a educação. O fenômeno em questão é um ato que transpõe os muros da instituição escolar e afeta a sociedade como um todo. Partindo disso, o presente estudo justifica-se pela promoção de uma reflexão sobre os impactos e a resiliência quando atrelada à violência escolar.

Contudo, torna-se preocupante os impactos que o ambiente violento pode causar no desenvolvimento pleno dos estudantes. A saúde física e mental de crianças e adolescentes vem tornando-se objeto de apreciação por muitos estudiosos. E, a noção de resiliência segue paralelamente ao movimento contemporâneo pela promoção da saúde da criança e do adolescente. Resiliência essa, compreendida aqui, como a capacidade de enfrentamento a adversidades sociais (condição fundamental para a saúde mental durante todo o percurso da vida, mesmo estando diante de riscos) (Berndt, 2018; Assis, Pesce et al. 2006).

Neste sentido, o objetivo é investigar os impactos causados em estudantes inseridos no meio escolar que apresentam histórico com situações de violência. Em consonância com o objetivo traçado, questiona-se: (1) quais os impactos causados pela violência entre os jovens no âmbito escolar? E, também, (2) tal situação traz consequência desfavorável ao desenvolvimento da resiliência nos jovens?

1.1 Considerações sobre a violência

Segundo a Organização Mundial de Saúde a violência é definida como

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. (Krug et al., 2002, p. 5)

No Brasil o Ministério da Saúde, por meio da Portaria n. 737, de 16 de maio de 2001, adota a definição de violência como ações humanas individuais, de grupos, de classes e de nações que ocasionam a morte de seres humanos ou afetam sua integridade e sua saúde física, moral, mental ou espiritual (Brasil, 2001).

Nota-se que a violência no âmbito escolar tem ganhado evidência nas últimas décadas. Para López et al. (2025); Charlot e Émin (1997) a violência no âmbito escolar é difícil ser definida, pois o fenômeno abarca situações de dificuldade para a delimitação e ordenação, por conter características que ferem a ordem social e valorativa da escola, lugar onde a infância implica inocência e a instituição tem o papel de refúgio e paz, esbarrando ainda na representação da sociedade pacífica e organizada pelo regime democrático.

Ainda para os mesmos autores, a violência apresenta três distinções divididas por grupos, a saber, (grupo I – violências) golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes e vandalismo; (grupo 2 – incivilidades) humilhações, palavras grosseiras e falta de respeito; (grupo 3 – violência simbólica ou institucional) compreendida como falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos.

Dentro dos tipos de violência, pode-se citar ainda os que mencionam que a negligência ou abandono se enquadram como ausência, recusa ou deserção da atenção necessária a alguém que deveria receber cuidados. Já a violência interpessoal pode ser caracterizada pela violência de uma pessoa contra outra e ocorre em nível familiar e comunitário (Brasil, 2001; Krug et al., 2002).

Segundo Sposito (1998), a violência é todo ato que implica a ruptura do nexos social pelo uso da força. Os vários significados do termo violência ao lado de outros correlatos como indisciplina permitem alterações expressivas de significados correntes e usuais sobre o conjunto de ações escolares.

Neste prisma, é válido destacar que um dos tipos de violência mais atuais gira em torno do *bullying*. A palavra estrangeira advém do verbo inglês *bully* (designada por pessoa agressiva) que está vinculada ao uso de condição moral ou física com a intenção de intimidar alguém. A prática do *bullying* evidencia-se nos atos de violência sem motivação aparente e equivocadamente associada com “brincadeiras” pelo agressor (Guimarães, 2009; Malta et al., 2025).

Pode-se conceituar o termo *bullying* como agressão apresentada “de forma velada, por meio de um conjunto de comportamentos cruéis, intimidadores, prolongadamente contra a mesma vítima, e cujo poder destrutivo é perigoso à comunidade escolar e à sociedade como um todo, pelos danos causados ao psiquismo” dos vitimados (Fante, 2005, p. 119).

Salienta-se que a violência escolar demonstra características de cunho social dentre os alunos, por ser um ambiente que combina diversas realidades dentro de um mesmo local, torna-se um espaço de contemplação das múltiplas realidades trazidas por cada um do seu ambiente imediato (Silva, Vilela et al., 2024). A Organização Mundial de Saúde, apesar de não explicitar nominalmente, utiliza o modelo de desenvolvimento humano denominado Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner (1977, 1979, 1986, 1998, 1999) para compreensão dos fatores relacionados à violência e à forma como o ser humano evolui. Tal condição ocorre pelo teor de seus documentos alinhar-se com o modelo em questão.

Neste prisma, é válido destacar que um dos tipos de violência mais atuais gira em torno do *bullying*. A palavra estrangeira advém do verbo inglês *bully* (designada por pessoa agressiva) que está vinculada ao uso de condição moral ou física com a intenção de intimidar alguém. A prática do *bullying* evidencia-se nos atos de violência sem motivação aparente e equivocadamente associada com “brincadeiras” pelo agressor (Guimarães, 2009).

Pode-se conceituar o termo *bullying* como agressão apresentada “de forma velada, por meio de um conjunto de comportamentos cruéis, intimidadores, prolongadamente contra a mesma vítima, e cujo poder destrutivo é perigoso à comunidade escolar e à sociedade como um todo, pelos danos causados ao psiquismo” dos vitimados (Fante, 2005, p. 119).

Salienta-se que a violência escolar demonstra características de cunho social dentre os alunos, por ser um ambiente que combina diversas realidades dentro de um mesmo local, torna-se um espaço de contemplação das múltiplas realidades trazidas por cada um do seu ambiente imediato. A Organização Mundial de Saúde, apesar de não explicitar nominalmente, utiliza o modelo de desenvolvimento humano denominado Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner (1977, 1979, 1986, 1998, 1999) para compreensão dos fatores relacionados à violência e à forma como o ser humano evolui. Tal condição ocorre pelo

teor de seus documentos alinhar-se com o modelo em questão.

1.2 O modelo bioecológico

O modelo bioecológico proposto por Bronfenbrenner (1996) defende que o desenvolvimento humano se dá em sistemas confluentes de ordem biológica, psicológica e ambiental. Para Bronfenbrenner (1977, 1979, 1996), o modelo em questão pode ser definido como um conjunto de estruturas concêntricas onde cada uma abarca progressivamente a outra, partindo do ambiente imediato (microsistema) até o ambiente mais distante (macrossistema).

O modelo em questão explora a relação entre fatores individuais e contextuais e considera a violência como o resultado de vários níveis de influência sobre o comportamento. Com o intuito de compreender a violência, tendo como base o modelo bioecológico, dispõe-se dos seguintes níveis: (1) individual (microsistema), (2) racional (mesossistema), (3) comunitário (exossistema) e (4) social (macrossistema) (Krug et al., 2002).

Em relação aos níveis mencionados, tem-se que o individual analisa as características pessoais de cada um, fatores históricos, biológicos e comportamentais que aumentam a possibilidade de ser uma vítima ou perpetrador da violência. Já o nível relacional examina o modo como as relações próximas (família e parceiros íntimos) afetam o desenvolvimento social, tornando maior as chances de uma pessoa ser uma vítima ou perpetrador da violência. No nível comunitário, tem-se a análise das interações entre uma pessoa e ambientes comuns com outrem (que não sejam sua família, locais como a escola, trabalho e vizinhança) e busca traços que possam associar o comportamento violento ou a tendência em ser vítima. O último nível, o social, está atrelado aos fatores sociais abrangentes que influenciam os índices de violência (Krug et al., 2002; Assis, Njaine et al., 2023).

O modelo bioecológico dentro das instituições educacionais almeja alcançar uma educação transformadora por meio de um ambiente de fomento ao resgate do papel ativo, interativo e protagonizante de uma pessoa como agente de mudança de forma a romper com premissas em que uma pessoa apenas recebe as influências do ambiente (Bronfenbrenner 1977, 1986, 1999). Nesse ínterim, é válido destacar a necessidade de uma educação respaldada na resiliência do ser humano em constante desenvolvimento.

1.3 A resiliência no ambiente escolar

O combate à violência escolar exige o engajamento e participação de todos os segmentos da comunidade por meio de ações comprometidas com o diálogo, a tolerância e o respeito às diferenças. Assim, o termo “resiliência” apresenta-se em consonância com a contemporaneidade no que tange a promoção da saúde infantojuvenil, de forma a desviar a visibilidade de pontos deficientes e de parâmetros compensatórios (Assis, Avanci et al., 2006).

O termo resiliência está atrelado ao equilíbrio e à paciência. Logo, pode-se mencionar que a resiliência não é inata, ou seja, ela é conquistada com a convivência entre as pessoas e acontecimentos do dia a dia (Yunes & Szymanski, 2001). Neste sentido, de acordo com Assis, Pesce et al. (2006), a condição de resiliência exige o manejo de considerável força a fim de amadurecimento emocional e perspectivas de enfrentamento. Não se pode negar que as adversidades cotidianas dão suporte para o desenvolvimento de resiliência. O construto da resiliência humana somente se constitui a partir da adversidade.

Durante o desenvolvimento infanto-juvenil, os mecanismos de proteção se constituem de forma associada aos dispositivos psíquicos para lidar com a adversidade. Segundo Assis, Avanci et al. (2006) a presença de mecanismos de proteção pode favorecer o aparecimento de outros. Assim, os fatores de proteção são influências que modificam as respostas de uma pessoa à adversidade. E, ao longo do processo de amadurecimento humano, o ambiente escolar é essencial e de grande influência positiva.

Haja vista, os mecanismos de proteção para a promoção da resiliência dentro de escolas idealizados em condutas apontadas por Abramovay (2003) e Laboratorio Latinoamericano de Evaluación de la Calidad de la Educación (2002) como

(1) favorecer um clima de diálogo constante na comunidade escolar; (2) valorizar os estudantes como protagonistas; (3) realizar trabalho coletivo; (4) ter autoridade escolar compartilhada; (5) possuir evidente liderança dos dirigentes; (6) implementar planejamento participativo; (7) desenvolver rotinas e atividades que vão além dos horários escolares; (8) propiciar relação de afeto, respeito, diálogo e confiança entre os alunos, professores e gestores; (9) buscar participação da família e da comunidade nas atividades educacionais; (10) ressignificar do espaço físico escolar; (11) favorecer sociabilidade e construção do sentido de pertencimento; (12) ter gestão inovadora, aberta e flexível às mudanças; (13) perfazer administração eficiente; (14) conquistar estabilidade de recursos financeiros e materiais necessários às atividades.

A escola descrita por meio dos mecanismos de proteção para a promoção da resiliência no parágrafo anterior evidencia uma educação completa, dialógica e humanizada na qual privilegia o desenvolvimento integral do ser humano. Ainda que pareça irreal para a realidade brasileira, a educação para resiliência pode ser vivenciada por meio de sucessivo pleito desses promotores de proteção. Em consonância com o exposto e devidamente pautado no princípio de promoção da resiliência, apresenta-se ao longo deste estudo dados da escola de tempo integral, a fim de avaliar como a adversidade da violência escolar, vivenciada cotidianamente, pode impactar o desenvolvimento de estudantes, e como está relacionado à resiliência.

2. Método

O presente estudo enquadra-se metodologicamente como qualitativo, que segundo Minayo (2013) é o enfoque que melhor atende a pesquisa social, já que favorece a observação respaldada na subjetividade. O método em questão lida com o universo dos significados, dos motivos e aspirações, esse nível de realidade precisa ser interpretado em uma ótica ampla e condizente com a veracidade dos fatos ou mesmo dos sentidos do objeto de estudo. Para Godoy (1995), as pesquisas qualitativas apresentam-se como uma ferramenta para a compreensão e estudo de fenômenos que envolvem os seres humanos em suas mais variadas relações sociais.

Este estudo não deixa de ser enquadrado como um estudo de caso que consiste em investigar e analisar dados de pequenos grupos, para compreender os fenômenos sociais decorrentes das situações investigadas, pois tais fenômenos estão intrinsecamente ligados ao contexto vivenciado pelos participantes da pesquisa (Michel, 2009). Desse modo, permitiu-se investigar os casos de violência dentro de uma escola, por meio de um grupo específico de professores, observando o problema pela ótica deles, que lidam cotidianamente com casos de violência.

Evidencia-se que, durante a produção (coleta) de dados, houve um momento inicial de análise documental no acervo (livro de ocorrência de violência e situações adversas gerais) da escola lócus deste estudo e um segundo momento de entrevistas, o que favoreceu valiosos resultados a fim de conquistar os objetivos pleiteados.

Os participantes selecionados foram dois professores com a maior carga horária das séries selecionadas durante o período de pesquisa documental realizada no acervo institucional, visto que são os que passam mais tempo dentro de sala de aula com os discentes. Tal conjuntura permitiu aos pesquisadores maior condição de avaliação por convivência com os estudantes envolvidos em casos de violência, buscando entendimento quanto ao desempenho educacional e o potencial de resiliência percebidos pelos professores. Todos os participantes receberam nomes fictícios para a garantia de anonimato ao longo do fluxo textual, mais especificamente nas falas oriundas das entrevistas.

Os participantes foram uma professora de língua portuguesa (Alice) com formação em nível superior e 13 anos de experiência educacional, sendo 8 anos em escola de tempo integral; e o outro participante foi um professor de matemática (Frank), com formação em nível superior e com 13 anos de experiência em sala de aula, exercendo a profissão há 12 anos no local da pesquisa.

Além dos dois professores mencionados, a pedagoga (profissional que lida administrativamente no local) foi

convidada a participar deste estudo, uma vez que dentro da escola todos os casos de violência que ultrapassam a competência de solução amigável por parte dos professores dentro da sala de aula chegam a ela para resolução ou encaminhamento a outras instituições, por exemplo: Conselho Tutelar, Secretaria de Educação local ou Delegacia. É válido mencionar que a profissional em questão (Augusta) é graduada em pedagogia, apresenta título de especialista em psicopedagogia e atua desde 2013 na escola e, mais especificamente, em tempo integral desde 2017.

Especifica-se também que a presente pesquisa foi realizada em uma escola de tempo integral situada no interior do Estado do Amazonas, que oferta as etapas de ensino fundamental do sexto ao nono ano e ensino médio do primeiro ao terceiro ano, no horário das 7 h às 17 h. A instituição de ensino atende a população dos bairros tanto periféricos como centrais, bem como comunidades adjacentes ao município, o que diversifica o poder aquisitivo vivenciado pelas famílias, a educação informal (processo de aprendizagem que ocorre fora do ambiente escolar) e os cuidados ofertados pelos responsáveis legais dos estudantes.

A escola possui um amplo espaço, localizada na área central do município, bem estruturada com 24 salas de aulas climatizadas, laboratórios de informática e ciências, biblioteca, auditório, salas para atividades extras como dança, música e artes, assim como, salas administrativas distribuídas em dois andares mais o térreo. No terreno, a escola conta com piscina semiolímpica, campo de futebol, academia para prática de atividades físicas e quadra poliesportiva coberta. A instituição oferta alimentação (café da manhã, almoço e lanche da tarde) acompanhada por nutricionistas, diversas atividades pedagógicas, tais quais, projetos de fanfarra, leitura, música, artes cênicas, artes plásticas e outros temas transversais que mudam anualmente. Em seu prédio, a escola atende cerca de 750 alunos, com 58 professores, divididos em ensino fundamental e médio.

Salienta-se – em relação aos procedimentos adotados – que os dados produzidos (coletados) por meio do acervo escolar datam de 2023, delimitando-se apenas os casos ocorridos com alunos do ensino fundamental. Dessa forma, percebe-se que as turmas do sétimo ano continham grande quantidade de casos de violência e os professores com maior experiência, definiu-se assim os participantes que fariam parte do estudo. A idade média dos alunos da série em questão gira em torno de 12 anos.

De um total de quatro turmas de 7º ano, dois professores lecionavam para todas elas com carga horária maior nas disciplinas de língua portuguesa e matemática. Em vista disso, realizou-se entrevista individual com cada docente e a pedagoga a fim de angariar dados sobre o conceito de violência sob o olhar desses profissionais, tipos de violência presenciados no local, potenciais influências no desenvolvimento de alunos e possíveis reverberações no potencial de resiliência desses.

Antes mesmo de qualquer produção (coleta) de dados foi enviado à escola – lócus deste estudo – um ofício solicitando autorização para que os pesquisadores pudessem adentrar em suas dependências e realizar o estudo. Após a autorização formal entrou-se em contato com os possíveis participantes (professores e pedagoga) – procedimento realizado após a consulta no acervo institucional, conforme mencionado anteriormente – a fim de que fossem esclarecidos sobre a pesquisa. Sanadas as dúvidas, foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, uma para o participante e a outra para os pesquisadores.

Após essa formalidade necessária por uma questão de ética, foram marcadas as entrevistas individuais em horário fora do expediente para não atrapalhar as atividades laborativas. Contudo, para uma melhor compreensão e discussão dos dados produzidos (coletados), buscou-se a análise – apresentada no tópico subsequente – sob a ótica dos entrevistados, levando em consideração suas falas – aquelas de maior impacto –, bem como os resultados da consulta ao livro de ocorrência institucional.

3. Resultados e Discussão

A violência no âmbito escolar pôde ser observada em várias manifestações descritas nos registros dos livros de ocorrências escolares. Casos de agressões físicas entre alunos foram denunciados à pedagoga por fontes diversas, por meio dos

alunos agredidos, por intermédio dos professores que presenciaram o ocorrido, ou ainda por meio das câmeras de circuito interno presentes nas salas de aula, corredores e espaços comuns. Nas agressões físicas descritas nos documentos constam tapas, empurrões, cotoveladas, socos, chutes e perfurações com objetos pontiagudos (lápiz, caneta, entre outros).

Os registros demonstraram ainda casos de comportamento violento entre os alunos sem que se chegassem às vias de fato, tais quais, xingamentos e ameaças. Atitudes como essa foram denunciadas por professores, alunos e, em alguns casos, pelas mães, buscando ajuda junto à escola para compreender o comportamento dos filhos. Os atos de *bullying* encontrados nos registros foram denunciados em sua maioria pelos agredidos. Descritos como comentários depreciativos acerca de uma característica física ou lugar de onde veio (bairro, região, entre outros), a exemplo, chamar de feio, fedorento, “caboco” do interior. Ademais, há inúmeros atos extremos de agressões físicas por parte de vários colegas contra um único aluno, advindo do ato de *bullying*, explicitado no referencial teórico.

O registro de uma violência marcante, tanto pelo caráter quanto pela dimensão da idade e sexo dos envolvidos, é a importunação sexual (prática contra alguém e sem anuência, com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro). As delações observadas nos livros apontam certa recorrência dos atos, a cada denunciante um olhar é despertado. Quando a denúncia partiu de meninas, os relatos foram de carícias impróprias em suas partes íntimas realizadas pelos meninos e/ou falas provocativas de cunho sexual. Quando entre meninos, os relatos são de “brincadeiras” desrespeitosas, toques em regiões íntimas e comportamentos desrespeitosos. Não consta no livro de ocorrência, mas já é sabido que por vezes há situação inversa, em que as meninas tocam as partes íntimas dos meninos, provocando-os com falas e atitudes lascivas, situações essas relatadas em entrevista com os professores. Quando questionados pelos educadores, os alunos dizem não denunciar por vergonha.

O desrespeito, a incivilidade e a falta de obediência aos professores, causando barulhos, importunação às aulas, foram casos encontrados durante a pesquisa, denunciados pelos professores ou representantes de turma. Tais situações desvelam um contexto contraditório e ambivalente no interior da escola, mas, sobretudo, a complexidade de relações que são estabelecidas na sociedade brasileira como um todo. Charlot (2003) vislumbra que refletir sobre a escola implica em considerar a relação entre o sujeito e o saber, e assim, as relações construídas socialmente, desse modo, “quer compreender o que ocorre na escola, é preciso levar em consideração sua posição social e o fato de que é um sujeito” (p. 24). Trazer à tona a discussão sobre violência implica considerar os modos e as formas como as relações são produzidas em sociedade.

Os casos de automutilação definida por Krug et al. (2002) como violência autoinfligida e autodirigida podem se manifestar de duas formas – (1) comportamento suicida (pensamentos suicidas, tentativa de suicídio e suicídio) e (2) atos de violência contra si próprio, como é o caso de mutilações. Esses casos comungam com relatos de alunos depressivos, com pensamentos suicidas e raiva em excesso, que buscaram ajuda junto à pedagoga levados por professores, ou mesmo por vontade própria.

Para tecer uma compreensão apropriada dos tipos de violência mencionados anteriormente, apresentam-se – por meio de porcentagem simples – as situações relatadas nos livros de ocorrência. Dos 26 casos registrados entre fevereiro e dezembro de 2023, 24% eram casos de agressões físicas ocasionando vias de fato, seguido de 16% de casos de *bullying*, 12% de casos de importunação sexual, 12% de comportamentos violentos, 12% de casos de autoviolência e 8% de casos desrespeitosos e indisciplina dos alunos para com seus colegas e professores.

Durante as entrevistas – selecionadas as falas de maior impacto e relevância para a discussão – com os professores foi possível perceber que os registros não apontam todos os casos de violência que ocorrem dentro da escola: “geralmente evito muito vir aqui com a pedagoga, prefiro tentar fazer na sala de aula mesmo, até na frente dos outros colegas, para eles verem que a gente se importa, que a gente percebe essas implicâncias e tudo mais”. (Frank)

Nesse contexto, a observação dos professores forneceu uma capacidade de vislumbrar os casos de violência no

ambiente escolar não descritas nos registros de ocorrências, possibilitando, ainda, enxergar os impactos causados por esse fenômeno no desenvolvimento pleno dos alunos. Como questão de pesquisa, questionou-se os professores sobre o conceito de violência que eles concebem, a saber:

É tudo aquilo que inflige, que violenta outra pessoa, que desrespeita, que outra pessoa se sinta violada de alguma forma. (Alice)

Violência tem várias, tem a física, tem a verbal, tem a psicológica, que eu acho que é uma das piores, né? Mexe mais com a cabeça do estudante, essa aí é a que mais me preocupa em sala de aula, porque às vezes o aluno pode aparentar, dizer que não se importar ou então não ligar para essa violência, mas não se sabe se por dentro está maltratando, né? (Frank)

Os conceitos elaborados sobre a violência são unânimes em apontar que são atos que afetam negativamente outrem. Mesmo dentro da literatura o conceito é amplo, e continua em construção, visto que o fenômeno da violência é dinâmico e atemporal, manifesta-se de formas diferentes em cada sociedade.

Na fala dos docentes é possível observar como as atitudes violentas potencializam o modo como o estudante age dentro da sala de aula e como a saúde mental pode ser afetada. Em seguida, questionou-se os professores se estes já haviam presenciado algum tipo de violência no âmbito escolar, as respostas indicam casos distintos, como a importunação sexual: “dentro da escola o que eu presencio muito é “brincadeiras” fora de tom, por exemplo, de ficar tocando as partes íntimas dos colegas, não apenas os meninos com os meninos, mas também das meninas com os meninos” (Alice).

A importunação sexual dentro da escola entre adolescentes é um caso encontrado nas falas dos professores e nos livros de ocorrências, as “brincadeiras” entre os alunos costumam ser recorrentes e, segundo a pedagoga, os alunos demonstram não ter discernimento dessa atitude ser adequada ou não, pois entre eles o comportamento é comum cotidianamente: “ainda tem essa situação de os alunos não saberem, eles acham que aquilo é uma brincadeira, entendeu?” (Augusta).

Alguns casos relatados no livro de ocorrência partiram de meninas que se sentiram violadas pela atitude dos meninos, situações como essa causam desconforto dentro da sala, pois ao fazerem as denúncias as meninas são ameaçadas pelos meninos que fazem esse tipo de “brincadeira”. Os meninos que relataram os casos de toques nas partes íntimas deles, por meninas, para a professora Alice, disseram que não denunciaram por vergonha. Outros casos trazidos para a entrevista por um dos participantes são os relatos de *bullying*, mencionados a seguir: “mais verbal, física nem tanto, verbal tem mais. Coleguinha que agride verbalmente o outro, por ‘status’, até por conhecimento mesmo, por dificuldade de aprendizado” (Frank).

Quanto aos casos de *bullying*, esses advêm de uma definição caracterizada por muitas vertentes e, dentro desse universo, a falta de informação mascara os efeitos dessa violência, tomando como “brincadeiras” tais atitudes. Por esse motivo, majoritariamente, os agressores passam despercebidos e impunes. Na visão da pedagoga a desinformação vem de casa e a escola lida sozinha com a problemática:

Porque parece que a escola está trabalhando sozinha nesse sentido do bullying, está faltando essa parceria, essa orientação em casa, e “por que não tem em casa professora?” Porque a grande maioria vem de família desestruturada, que nem eles sabem que aquilo é errado. É a forma como eles convivem mesmo, eles convivem com pai e mãe se xingando, então para a criança isso é normal, isso não vai afetar o outro, se não afeta dentro de casa, na escola também não afetará, a visão deles é essa. (Augusta)

A educação primária adequada, proveniente do ambiente familiar, exerce grande influência no modo como a criança ou adolescente se comporta, bem como no seu rendimento acadêmico escolar (Abramovay & Rua, 2002; Faria & Rodrigues, 2020). A falta de participação da família na vida escolar dos alunos pode ser caracterizada dentro do conceito de negligência e abandono (Rego et al., 2018). Os relatos dos entrevistados apontam situações que evidenciam em demasia essa conduta:

Aqui nós recebemos o aluno que está interessado em estudar, o aluno que tem interesse nas disciplinas e recebemos também aquele aluno que a família quer se livrar dele, por que é o dia inteiro [escola em tempo integral] e dá comida, tem esse aluno que vem apenas como 'deposito' entendeu? Uma forma de descarte da própria família e eu falo isso na reunião dos pais sem medo de errar, por que é uma realidade. Porque que eu sei disso? Por que quando eu vou chamar a família, não melhora, não adianta, entra por um ouvido e sai pelo outro. (Augusta)

A escola em tempo integral traz a muitos pais a ideia de um segundo lar, no qual eles podem se desobrigar dos cuidados com a educação dos filhos, deixando de lado suas responsabilidades e passando essa função para a escola:

A visão de tempo integral hoje em dia, não 100%, é claro, mas a maioria dos pais colocam os filhos justamente pelo fato de ser integral, ser de manhã e tarde. Tem pai que não aparece para receber o boletim, tem pai que não acompanha filho em nada, tem filho que sabe que os pais só os botaram aqui pra isso. (Frank)

A família se ausenta e deixa todo o papel de responsabilidade para a escola, e durante o período letivo é visível a falta de ensinamentos trazidos de casa pelos alunos, os valores como respeito, obediência, educação moral papel dos pais. (Alice)

Por ser uma escola de tempo integral, grande parcela dos pais não acompanha o desempenho escolar dos filhos, acarretando uma série de dificuldades para o desenvolvimento dos alunos, pois apesar de ser um propugnáculo, a escola tem suas limitações, essas deixam espaço para que a família faça o seu papel de principal fortalecedor do ser em formação, papel esse que se percebe ausente na maioria dos casos.

As consequências desse “abandono” são demonstradas por meio do comportamento do aluno em seu relacionamento com seus colegas, percebidos e comentados pelos educadores:

Quando eu digo sobre a ausência da família, para mim não é surpresa escutar: ‘olha, mas no dia da reunião de pais o auditório estava lotado’, isso não interessa, não é qualitativo, entendeu? Isso é só uma quantidade, ocorre apenas naquele dia, porque o que me interessa é o acompanhamento anual, bimestral, é a preocupação dos pais em acompanhar se o filho está fazendo as atividades. É o impacto na aprendizagem, no interesse nos estudos. (Augusta)
A escola se sente sozinha sem o apoio da família para lidar com essas situações de violência, fica impotente sem a ajuda da família. (Alice)

A ausência da família dentro da escola levanta questões relevantes: quais os desafios enfrentados por estes pais/responsáveis? Por qual motivo não acompanham a vida escolar de seus filhos? Sem uma pesquisa mais aprofundada, pode-se apenas deduzir por meio dos relatos dos educadores as motivações. O professor narra uma situação em que se pode observar o abandono e a negligência, como afeta o aluno dentro da sala, a saber,

No ano passado tive uma aluna que dizia que o pai era viciado, a mãe ficava com eles [filhos] só pra receber o bolsa

família, que não dava atenção pra eles, e tanto é que quando chamava pra vir aqui, geralmente ela não vinha, coisa mais difícil era ela vir, tinha que ameaçar chamar o Conselho Tutelar e tudo mais. Ai, ela via que não importava para os pais, não importava para ninguém. Ela tomava medicamentos diários e ficava em grande parte das vezes sonolenta e, os colegas da sala de aula, pelo jeito dela quietinha, a xavecava e tirava onda com ela. (Frank)

Há narrativa de um lar desestruturado, com vários filhos e a falta de participação e acompanhamento na vida escolar da filha. Porém, alguns casos são avaliados em questões mais profundas, como a falta de tempo entre o trabalho e os cuidados com a casa, o ônus dos filhos mais novos, a rotina de trabalho árdua para garantir o sustento da família, a situação econômica escassa, são relatos frequentes na justificativa dos pais que comparecem às reuniões com a pedagoga, descritas nos livros de ocorrência. A percepção dos impactos causados pelos atos de abandono familiar e a violência sofrida dentro do âmbito escolar foram relatados pelos entrevistados como frequentes, visíveis e difíceis de superar sem ajuda da família. Mencionados nas entrevistas, os impactos são vistos na aprendizagem, no interesse, no convívio social e na saúde mental.

Quando questionada sobre quais os impactos das situações de violência que conseguia distinguir dentro da escola, a pedagoga salienta:

É visível, o impacto na aprendizagem, no interesse nos estudos, entendeu? ... qualquer atitude que desande dentro das normas da escola, que fira a coletividade, ou mesmo o individual do aluno, isso interfere, não tem como dizer que não interfere na aprendizagem dele. Interfere, por que altera a ordem da sala, no andamento das atividades, na atenção dele, no cuidado, no interesse, em tudo, interfere também na introversão. (Augusta)

Os impactos na relação entre os atos de violência e o convívio escolar são notórios. Apontados pela pedagoga como resultado da quebra de normas da escola, esses abalos incidem-se uns sobre os outros como sistemas encadeados. Uma vez afetado o aluno de modo individual, o efeito desse impacto será sentido na ordem da sala, no andamento das atividades, e como um todo irá interferir na aprendizagem desse aluno e dos demais: “eles se isolam, são arredios, medrosos e distantes. Eles têm baixo rendimento escolar, e alguns manifestam ansiedade e depressão” (Alice). Percebe-se, ainda, quão fragilizada se mostra a saúde mental dos alunos envolvidos em situações de violência referida pelos educadores. Para Justi et al. (2017) e Pettengill et al. (2023) estas consequências estão alinhadas com avaliações de distúrbios psicológicos como ansiedade e depressão.

Neste contexto de violência, pode-se observar, por meio do relato do professor a seguir, os mesmos efeitos na saúde mental provocados pelas situações de *bullying*, a saber, “o aluno se isola devido a algumas brincadeiras de alguns grupinhos de colegas. Isso afeta tanto o aprendizado quanto o convívio social” (Frank). Os eventos observados nos cenários descritos pelos participantes asseveram a vulnerabilidade dos envolvidos. O comprometimento no desenvolvimento dos alunos vai além da esfera acadêmica, afeta o físico, o convívio social, o desenvolvimento emocional, a saúde mental e seu potencial de resiliência (Bronfenbrenner, 1986; Garnezy & Rutter, 1996; Dupâquier, 1999).

Diante dos fatos relatados pelos professores, questionou-se de que maneira eles procuram agir frente a esses acontecimentos, como costumam lidar com os alunos envolvidos em situações de violência. Assim, responderam que, quando é chamada a atenção dos que praticam o ato de violência, a solução imediata é fazê-los ver que esse tipo de atitude não é a correta, e quando o atendimento é ao violentado (vítima), procura-se compreender como aquele adolescente está se sentindo:

Chamo o aluno [agressor], converso, oriento, faço todo um tapete de situações para ele observar, porque se ele está cometendo esses atos, está tendo essas atitudes, é que para ele é natural, é normal, quando eu observo. Então, eu

começo a contar situações para ele começar a entender que aquela atitude dele está errada. (Augusta)

Durante a intervenção (como é chamada a ação local de investigar os casos atendidos por ela), os alunos conduzidos à sala da pedagoga por ação violenta ou desrespeitosa são questionados acerca do seu comportamento. Nesse momento, busca-se conhecer o dia a dia do aluno e traçar com ele olhares diferentes sobre as atitudes que denotam seu comportamento. As intervenções levantam dados diversos sobre a vida do estudante, dados esses que demonstram, muitas vezes, que as atitudes do mesmo só refletem a realidade trazida de casa e naturalizada no ambiente escolar. Já em relação aos alunos agredidos, a intervenção busca outros caminhos, dentro da sala de aula a professora descreve o panorama dos seus métodos: “por um momento deixo eles quietos, deixo que eles se isolem, depois chamo para conversar, procurar entender o que está acontecendo” (Alice).

O tratamento dos professores aos alunos que se retraem diante dos casos de violência é baseado no diálogo. Um dos pontos discutidos no processo de promoção da resiliência dentro da escola é o diálogo e valorização do estudante enquanto protagonista. Essa valoração é sentida por eles e desperta a confiança na escola e nos educadores. Porém, alguns casos mostram-se complexos para o professor lidar:

Eu procuro conversar, quando eles querem né, porque não tem como forçar contar as particularidades deles, mas muitas vezes eles falam, depois de um tempo eles se abrem e tudo mais, conversam, acho que criam confiança e falam algumas coisas, às vezes eu fico até chateado, chateado não, fico assim sem saber o que fazer porque eles contam coisas que a gente tem que repassar pra outras pessoas, até pra ver se tomam uma atitude. (Frank)

No caso citado por Frank, percebe-se a necessidade de formar e capacitar professores para abordar a questão da saúde mental, tendo em vista que esses profissionais acompanham, de forma contínua, o progresso psicossocial e cognitivo de estudantes (Bordini et al., 2012). A escola, para proporcionar uma educação que resulte na resiliência, precisa do apoio multidisciplinar, buscando soluções para as demandas que se apresentam e fogem à alçada dos professores, como o acompanhamento psicológico e os casos do setor social. Os impactos na sociabilidade, no interesse e no desempenho acadêmico dos envolvidos em situações de violência são perceptíveis, suscitando questões de reflexão acerca do potencial de resiliência ou vulnerabilidade desses alunos.

Em face dessa questão, questionou-se aos educadores quais caminhos eles acreditam ser possíveis para alcançar a melhora desses alunos. Cada educador acrescenta algo a esse caminho e o envolvimento da família na escola é algo necessário para a construção de uma educação melhor, o que é defendido pela pedagoga:

Ainda insistindo no acompanhamento familiar. Não deixando de fazer o que nós já fazemos, e se a gente conseguir êxito, ótimo, e se não conseguirmos a gente procura novas formas. Todo ano a gente tem uma coisa diferente para intervir nessa situação, e cada vez mais a gente busca o amparo familiar. (Augusta)

Desse modo, não se trata de culpabilizar a família ou a escola, mas de ambas assumirem conjuntamente a promoção de uma educação eficiente que prepare, desde os primeiros anos de vida, o aluno a solucionar desafios e problemas de forma criativa e resiliente, uma educação que o permita desenvolver-se adequadamente (intelectual, físico, social, moral, entre outros) (Bitencourt et al., 2019; Silva, Vasconcelos et al., 2019). Os apontamentos realizados pela professora Alice baseiam-se no diálogo com os alunos: “uma conversa que estimule ou procure entender o que o aluno está passando, faço uma chamada de atenção junto aos alunos, oriento a buscar por entretenimentos saudáveis como livros, filmes e músicas que sejam

inspiradoras” (Alice).

Estudos no campo da educação, sobretudo a partir de uma perspectiva crítica, têm apontado que a escola é lócus primordial para o desenvolvimento do ser humano, desde que considere sua complexidade e diversidade (Fante, 2005). O envolvimento de outros setores além da comunidade escolar, buscando soluções a questões psicológicas e familiares, como a violência trazida do lar, o abandono e a negligência, é o caminho apontado pelo professor: “primeiramente, a escola de tempo integral por sua estrutura, deveria ter uma sala de assistência social, sala da psicóloga, tinha que existir isso aqui por que os alunos passam muito tempo neste local” (Frank).

Quando questionados quanto ao potencial de resiliência ou vulnerabilidade dos alunos, os entrevistados convergem em suas opiniões. A pedagoga demonstra esperança no futuro desses adolescentes, desde que recebam orientação adequada, por meio de conversas que os encorajem a ter atitudes adequadas durante a vida:

Com certeza, isso é só o que eu acredito, porque eu sou fruto dessa resiliência, sou fruto desse acreditar. Depende dos caminhos que a gente toma e da orientação que a gente tem, todos, independentemente da origem, todos têm a capacidade de se tornar pessoa diferenciadas e contribuir de uma forma muito significativa para a sociedade, vida pessoal, profissional e coletivamente. (Augusta)

Dentro da promoção da resiliência, os fatores de proteção são os degraus para calcar a ponte entre a violência e a resiliência (Kotliarenco et al., 1997; Guimarães, 2009). O apoio social, promovido pela escola, enquadra-se nos fatores de proteção social. Eles podem ser afetuosos e fazer com que o adolescente se sinta valorizado por meio de conversas, expressando-se livremente, ou ainda oferecendo aconselhamentos para lidar com adversidades. A professora a seguir percebe dentro da sala de aula uma certa vulnerabilidade dos alunos que são agredidos, porém, após uma conversa que procure entender seus anseios, os mesmos demonstram melhora no comportamento e desempenho acadêmico: “percebo que eles não têm forças para lidar com as situações vivenciadas, de superar suas limitações sozinhos, depois que a gente demonstra que se importa com eles, eles se relacionam melhor dentro de sala” (Alice).

A professora identifica que os alunos (ouvidos e valorizados afetivamente) demonstram melhora no comportamento e sociabilidade. Nesse prisma, emana-se uma questão importante na contemporaneidade que é a relevância de trabalhar as habilidades socioemocionais no contexto escolar, possibilitando aos alunos espaços de cuidado e atenção. Assim, “a escola é entendida como tendo papel mais abrangente do que a transmissão de conhecimento. Sua função é dar oportunidades e subsídios para o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes” (Faria & Rodrigues, 2020, p. 86).

Às vezes esses alunos que se retraem, a gente quer focar neles, só que eles sabem que isso não vai resolver nada. Então, a gente prefere mostrar que eles importam, “pô o professor me defendeu”, “o professor chamou a atenção de fulano, ciclano”, aí eles já... [estalar de dedos]. (Frank)

Desta forma, torna-se evidente a possibilidade de potencializar a resiliência dos estudantes por meio da interação entre professores e alunos. Tanto a escola como a família – vistos como ambientes em que se vive – têm o potencial de representar perigos ou segurança. O que os diferencia é a presença de afeto e a qualidade dos relacionamentos nesses ambientes (Berndt, 2018; Poletto & Koller, 2008).

Durante a realização deste estudo, percebeu-se que a resiliência é um elemento importante no combate à violência e, entre a violência e a resiliência, existe um percurso a ocorrer. A pesquisa aponta que o fator de proteção necessário para a promoção da resiliência pode ser construído, o diálogo demonstra ser um caminho promissor para a idealização de uma escola

resiliente. O arcabouço teórico deste estudo parte do princípio da integralidade, isso justifica a escolha do modelo bioecológico de desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (1996).

No modelo em questão, o desenvolvimento humano ocorre a partir da interação do ser humano com o seu meio, tendo como princípio a bidirecionalidade que ocorre nas intersecções dos processos proximais, repercutindo no crescimento e desenvolvimento, desse modo, tanto se aprende quando se ensina, tendendo a ser mais positivo. E, para compreender o desenvolvimento dos alunos da escola de tempo integral, partiu-se dos relatos dos participantes, que trouxeram diversidade ao estudo, pois, apesar da situação agravante do abandono familiar em relação aos estudantes, os participantes acreditam no potencial de resiliência de seus alunos.

Assim, vislumbrou-se a relevância da construção de uma escola resiliente. O caráter construtivo da resiliência não nasce com a pessoa, e sim parte do processo de interação com o meio em que está inserida, ocorrendo a capacidade de fortalecer o aluno para lidar com a adversidade (Berndt, 2018; Ramos et al., 2021). A construção desse caminho para a resiliência é uma educação integral, dialógica, humanizada e libertadora, fundando em seus alunos princípios que os motivem a reconhecer as adversidades, as diferenças e o afetivo, desenvolvendo neles as habilidades socioemocionais, como o autocontrole, a autoestima e a projeção de futuro, para que consigam permanecer fortalecidos dentro da sociedade.

4. Considerações Finais

Conclui-se que a literatura aponta que a violência dentro do âmbito escolar se apresenta de diversas formas, tais como a violência física, a violência simbólica, a incivilidade e a violência psicológica, notórias nos casos de *bullying*. Dentro dessa perspectiva, buscou-se compreender de que maneira essas situações de violência impactam no desenvolvimento dos jovens e no potencial de resiliência. Partindo disso, por meio de narrativas dos professores e da pedagoga, tem-se que os impactos causados pelas situações de violência vão além do comprometimento acadêmico, são observados no desenvolvimento da aprendizagem, no interesse, no convívio social e na saúde mental. As falas trazem ainda um potencial de recuperação desses alunos por meio de práticas de promoção da resiliência, vistas no diálogo, na afetividade, no sentido de pertencimento e no incremento da sociabilidade.

O presente estudo apresenta três perspectivas conclusivas, a saber, a primeira atrela-se à violência no contexto escolar de forma a considerar a dimensão da proteção apresentada em muitos cenários, por meio desses, é possível perceber como a educação está entrelaçada com as situações vivenciadas dentro e fora do âmbito escolar. A proteção que se origina no lar reflete o comportamento e o desenvolvimento integral do aluno, bem como o contrário afeta diretamente o contexto educacional. A proteção proporcionada pela escola – por meio dos mecanismos de proteção – demonstra potencial de fortalecimento da resiliência dos alunos.

Em seguida, apresenta-se a escola como espaço de desenvolvimento infantojuvenil a fim de estimular o fortalecimento interior, o qual significa aprender a lidar com as adversidades e desenvolver frente a elas uma conduta de autocontrole, autoestima, superação e desenvolvimento integral das potencialidades acadêmicas, físicas e mentais concomitantemente. E, por fim, o apontamento da necessidade da construção de uma escola humanizadora e efetivamente dialógica, que busque desenvolver o ser humano no todo, preparando-o para lidar com as situações diversas encontradas cotidianamente. Desta forma, a escola não é apenas um local de transmissão de conhecimentos formais por meio de conteúdos curriculares, mas um verdadeiro propulsor de melhoria social, desde que auxiliada diretamente pela família e comunidade.

Referências

Abramovay, M. (Coord.). (2003). *Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas*. UNESCO Brasil. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000131747>

Abramovay, M., & Rua, M. G. (2002). *Violência nas escolas: versão resumida*. UNESCO Brasil. https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133967_por

- Assis, S. G., Avanci, J. Q., Pesce, R. P., & Deslandes, S. F. (2006). *Superação de dificuldades na infância e adolescência: conversando com profissionais de saúde sobre resiliência e promoção da saúde*. FIOCRUZ/ENSP/CLAVES/CNPq.
- Assis, S. G., Njaine, K. & Marriel, N. S. M. (2023). Reflexões sobre violência e suas manifestações na escola. In S. G. Assis, P. Constantino, J. Q. Avanci & K. Njaine (Orgs.), *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores* (2nd ed., pp. 43–70). Ed. Fiocruz.
- Assis, S. G., Pesce, R. P., & Avanci, J. Q. (2006). *Resiliência: enfatizando a proteção de adolescentes*. Artmed.
- Berndt, C. (2018). *Resiliência: o segredo da força psíquica*. Vozes.
- Bitencourt, K. B., Justi, Jadson, Justi, Jamson, Justi, E. B. L., & Vasconcelos, C. F. C. (2019). Relação família escola: possíveis influências da ausência dos pais no processo de ensino-aprendizagem de crianças. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, 1(5), 157–181. <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/possiveis-influencias>
- Bordini, D., Gadelha, A., Paula, C. S., & Bressan, R. A. (2012). Encaminhamento escolar de crianças e adolescentes para o CAPSi: o peso dos encaminhamentos incorretos. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 34(4), 493–496. <https://www.scielo.br/j/rbp/a/gHC7xxvCXLmgjyR4h8Lg/?format=pdf&lang=pt>
- Brasil. Ministério da Saúde. (2001, May 18). Portaria n. 737, de 16 de maio de 2001. Aprova a Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências. *Diário Oficial da União*, (96), p. 3–8. <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=18/05/2001&jornal=1&pagina=3&totalArquivos=80>
- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, 32(7), 513–531. <https://psycnet.apa.org/record/1978-06857-001>
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the Family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22(6), 723–742.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. In S. L. Friedman & T. D. Wacks (Orgs.), *Conceptualization and assesment of environment across the life span* (pp. 3–30). American Psychological Association.
- Charlot, B. (2003). O sujeito e a relação com o saber. In R. L. L. Barbosa (Org.), *Formação de educadores: desafios e perspectivas* (pp. 23–32). d. UNESP. https://www.google.com.br/books/edition/Forma%C3%A7%C3%A3o_de_educadores/BpQVrSkz144C?hl=pt-BR&gbpv=1&pg=PA3&printsec=frontcover
- Charlot, B., & Émin, J.-C. (1997). *Violences à l'école: état des savoirs*. Armand Colin.
- Chesnais, J. (1981). *Histoire de la violence en Occident de 1800 à nos jours*. Éditions Robert Laffont.
- Dupâquier, J. (1999). *La violence en milieu scolaire: enfants et adolescents en difficulté*. PUF.
- Fante, C. (2005). *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Verus.
- Faria, N. C., & Rodrigues, M. C. (2020). Promoção e prevenção em saúde mental na infância: implicações educacionais. *Psicologia da Educação*, 51(2020), 85–96. <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicoeduca/article/view/51421/33603>
- Garnezy, N., & Rutter, M. (1996). *Stress, coping and development in children*. McGraw-Hill.
- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, 35(3), 20–29. <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>
- Guimarães, J. R. (2009, March 25). *Violência escolar e o fenômeno bullying: a responsabilidade social diante do comportamento agressivo entre estudantes*. Migalhas. <https://www.migalhas.com.br/depeso/80895/violencia-escolar-e-o-fenomeno-bullying>
- Justi, J., Freitas, F. M. P. R., Oliveira, H. X., & Vasconcelos, C. F. C. (2017). Fatores que influenciam o desempenho escolar de adolescentes de uma instituição pública do município de Rio Verde, GO. In *Anais do XIII Congresso Nacional de Educação* (pp. 23821–23829), Curitiba, PR, Brasil.
- Kotliarenco, M. A., Cáceres, I., & Fontecilla, M. (1997). *Estado de arte en resiliencia*. OPAS. <https://www.ugr.es/~javera/pdf/2-3-resiliencia%20libro.pdf>
- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B., & Lozano, R. (Eds.). (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. OMS. <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2019/04/14142032-relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude.pdf>
- Laboratorio Latinoamericano de Evaluación de la Calidad de la Educación. (2002). *Estudio cualitativo de escuelas con resultados destacables en siete países latinoamericanos*. UNESCO Santiago. https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000131037_spa
- López, V., González, L., Contreras-Villalobos, T., Benbenishty, R., & Torres-Vallejos, J. (2025). Evolución de la convivencia y violencia escolar en Chile: Un estudio longitudinal. *Educación & Sociedad*, 46, e292590. <https://www.scielo.br/j/es/a/GnXJNmmCmkKNNjwrKWgv8nc/?format=pdf&lang=es>
- Malta, D. C., Souza, J. B., Morais, É. A. H., Baldi, F. V. S. O., Mello, F. C. M., Moreira, A. D., & Oliveira, W. A. (2025). Bullying practices by students aged 13 to 17 years according to the National Survey of School Health (2019). *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 28, e250003. <https://www.scielo.org/pdf/rbepid/2025.v28/e250003/en>
- Michel, M. H. (2009). *Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais* (2nd ed.). Editora Atlas.

- Minayo, M. C. S. (2013). Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde. In K. Njaine, S. G. Assis & P. Constantino (Orgs.), *Impactos da violência na saúde* (2nd ed., pp. 21–42). Ed. Fiocruz. https://materiais.ead.fiocruz.br/qualificacao-profissional/fortalecimento-de-redes-de-atencao-e-prevencao-a-violencia-no-territorio/materiais/livro1_impactos_violencia.pdf
- Pettengill, E. C. F. C., Grubits, H. B., Justi, J., Nantes, Y. F. S., Florencio, A. M. A., Barboza, L. C., & Espindola, H. R. G. (2023). Saúde mental e infância: considerações sobre proteção e promoção. In *Anais do II Simpósio Acadêmico Multiprofissional em Saúde* (pp. 98–98), Uberlândia, MG, Brasil. <https://pt.scribd.com/document/809095688/ANAIS-II-SIAMUES-1>
- Poletto, M., & Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25(3), 405–416. <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/DycNK6BKd8jJmr5rmJk8P9D/?format=pdf&lang=pt>
- Ramos, I. G., Justi, Jadson, Justi, Jamson, & Justi, Edrilene B. L. (2021). Relação família-escola: reflexões da gestão escolar diante da ausência dos pais na educação de seus filhos. In A. J. N. Silva, I. S. Souza & R. F. Lima (Org.), *Discursos, práticas, ideias e subjetividades na educação* 6 (pp. 193–208). Atena.
- Rego, S. S., Vasconcelos, C. F. C., & Justi, J. (2018, August). Relação família e escola no processo de aprendizagem de estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental. *Revista Caribeña de Ciencias Sociales*, (8), 1–20. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/9682134.pdf>
- Silva, Á. C., Vasconcelos, C. F. C., & Justi, J. (2019, December). Violência escolar e o processo ensino-aprendizagem de estudantes. *Atlante: Cuadernos de Educación y Desarrollo*. <https://www.eumed.net/rev/atlanter/2019/12/violencia-escolar.html>
- Silva, C. S., Vilela, E. M., & Oliveira, V. C. (2024). Bullying nas escolas públicas e privadas: os efeitos de gênero, raça e nível socioeconômico. *Educação e Pesquisa*, 50, e264614. <https://www.scielo.br/j/ep/a/YpF57nS6p8JDNCVmf5Rwp6y/?format=pdf&lang=pt>
- Sposito, M. P. (1998). A instituição escolar e a violência. *Cadernos de Pesquisa*, (104), 58–75. <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/717/733>
- Yunes, M. A. M., & Szymanski, H. (2001). Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In J. Tavares (Org.), *Resiliência e educação* (pp. 13–42). Cortez.